

TALES FARIA

Jornalista e comentarista de política

Sinais do mercado, o oráculo dos tempos modernos

O Oráculo de Delfos foi o mais importante santuário de adivinhação da Grécia Antiga, consagrado ao deus Apolo e localizado nas encostas do Monte Parnaso. Reis, generais, filósofos e cidadãos comuns do mundo antigo consultavam-no antes de guerras, fundações de colônias e decisões de Estado.

O grande oráculo dos tempos modernos não fica em um templo, como o de Apolo, mas guarda uma sacerdotisa suprema, como a Pítia. O novo oráculo chama-se Mercado. Com a Pítia dos tempos modernos, também traz suas profecias em termos ambíguos e enigmáticos. Às vezes acerta, às vezes nem tanto.

Em momentos de grande tensão, como na Grécia antiga, reis, presidentes, políticos, generais, filósofos e cidadãos comuns se voltam para o mercado como todos se voltavam no passado para o Oráculo de Delfos buscando entender os sinais enigmáticos que que trazia a Pítia.

E assim foi nesta quinta-feira, 22, três dias antes da eleição presidencial mais importante do século. O mercado, que vinha em ascensão, refletindo as seguidas elevações das intenções de voto em Flávio Bolsonaro nas pesquisas de opinião, passou o dia em queda.

O dólar comercial subiu 0,22%, cotado a R\$ 5,038, impulsionado pela busca de proteção no exterior e pela proximidade da votação presidencial. O Ibovespa fechou em queda de 1,15%, aos 204.120,12 pontos, pressionado pelos boatos de que o Datafolha traria mais uma queda de

FERNANDO MOLICA

Jornalista e escritor

A jabuticaba do liberalismo estatal

O recuo de Flávio Bolsonaro (PL) em relação a propostas de cortes de despesas anunciadas por assessores em entrevistas e em conversas no breu das tocas do mercado comprova que boa parte dos brasileiros defende um sistema particular — uma espécie de liberalismo estatizante, jabuticaba capaz de dar nó na cabeça de qualquer vencedor do Nobel de economia.

O senador tratou de não brigar com a realidade ao perceber a existência, na população, de uma defesa entusiasmada de teses de liberdade econômica, vista como caminho único para a prosperidade. Isso, desde que combinada com a permanência e, quiçá, ampliação da rede de proteção social.

Algo como um mix do liberalismo me-engana-que-eu-gosto de Pablo Marçal com o paternalismo estatal plantado por Getúlio Vargas e cultivado ao longo de décadas, principalmente durante os governos petistas.

Motociclistas que se veem como empreendedores são capazes de criticar o peso do Estado e dos impostos, mas sabem que, no caso de suas frequentes quedas, poderão contar com o SUS. E aí de quem falar em mexer no Farmácia Popular, no Bolsa Família, no Pé-de-Meia.

Posto Ipiranga imposto a Jair Bolsonaro para dar o grito de independência ou morte capaz de ensurdecer as margens plácidas do estatismo pátrio, Paulo Guedes foi obrigado a engolir doses cavalares de intervenção governamental da economia quando seu chefe — como Lula (PT) faz agora — recorreu ao orçamento federal para embalar programas que

Flávio nas pesquisas, ou elevação de Lula.

De fato, a Pítia dos tempos modernos antecipou que o Datafolha veio com o empate de 50% a 50% para Lula e Flávio Bolsonaro nas intenções de voto. Parece que o mercado perdeu um pouco do encantamento pelas idas e vindas das promessas do bolsonarismo, que uma hora fala em acabar com o Bolsa Família, outra hora fala em aumentar o benefício. Que fala em cortar aposentadorias para o ajuste fiscal e depois jura que nunca faria isso.

O sinal do oráculo dos tempos modernos para Flávio Bolsonaro é de que, na ânsia de sair de sua bolha, ele está perdendo a confiança do mercado que já estava decidido a apoiá-lo.

Nesta reta final da campanha, Flávio Bolsonaro tem pela frente o evento mais importante da campanha eleitoral: o debate com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) transmitido pela TV Globo.

Seus marqueteiros cobram que não cometa erros neste momento. A avaliação é de que ele já conseguiu tirar força do desafio de quebra de sigilo, apresentado por Lula no último debate, com a resposta em que aceitou abrir suas contas e cobrou do adversário que também abra as suas, de seus parentes e aliados dentro e fora do governo.

Para o debate, Flávio deverá apresentar um tom mais sério, sem a marca debochada de um Pablo Marçal contra um homem muito mais velho como o presidente Lula. Tentar transmitir confiabilidade e procurar um discurso que não deixe transparecer falta de convicção nas ideias defendidas pelo mercado.

Enfim, voltar à proteção da bolha, e procurar trazer o apoio da chamada terceira via que as pesquisas internas apontam estar se voltando para o adversário.

seriam capazes de garantir sua reeleição (que acabou não sendo obtida).

Para ser justo com motociclistas e com tantos outros jovens que, cansados da estratificação social brasileira, encontram no empreendedorismo e no sonho do negócio próprio a única saída viável para a possibilidade de romper com o ciclo de pobreza que marca suas famílias, geração após geração: essa combinação de liberalismo de fachada e de vida à sombra do Estado apenas reproduz a lógica e as práticas de elites brasileiras que sempre viveram às custas dos cofres públicos.

Representantes da elite que reclamam de políticas públicas como Bolsa Família e de Benefício de Prestação Continuada e que pregam mais e mais medidas restritivas para a previdência social fazem cara de paisagem diante dos incentivos fiscais federais, que devem chegar a R\$ 900 bilhões em 2026 (a conta é do Unafisco Nacional, Associação Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal do Brasil).

O pacote inclui impostos não arrecadados com o Simples, com a Zona Franca de Manaus, com o agronegócio, dividendos pagos a empresários, descontos com consultas médicas e planos de saúde de quem tem grana para bancá-los. Na lista estão também isenções de pagamento ao INSS da contribuição patronal de entidades filantrópicas, algo que só aumenta o rombo do sistema de pagamento de aposentadorias e pensões.

Ao defenderem a esquisita e contraditória fusão entre a liberdade econômica individual amparada pela rede de proteção do Estado, uma grande parcela de brasileiros que vive no porão ou no térreo apenas reproduz o que aprendeu com o pessoal da cobertura. O problema é que a conta não fecha.

EDITORIAL

Shopping dos camelôs: cinco anos de promessas

O shopping popular destinado a abrigar os camelôs de Campinas tornou-se um exemplo da diferença entre anunciar projetos e transformá-los em realidade. Cinco anos após a apresentação de uma proposta que previa o investimento de R\$ 128 milhões, o local continua sem obras e enfrenta ainda mais um retrocesso: o arquivamento do processo pela Prefeitura, diante da falta de documentos exigidos para a sua análise.

O episódio não é apenas um contratempo burocrático. É um sinal de que um projeto dessa dimensão não pode avançar à base de expectativas, sucessivas reformulações e prazos que se perdem pelo caminho. Se a iniciativa foi concebida para reorganizar o comércio informal e contribuir para a recuperação do Centro, a demora prolongada compromete justamente os objetivos que justificaram a sua apresentação.

É mister reconhecer que empreendimentos instalados em áreas históricas e ferroviárias envolvem exigências urbanísticas, ambientais e de preservação patrimonial. A isso soma-se também as exigências relacionadas à implantação do Trem Intercidades, que demandam estudos e adaptações... No entanto, tais questões não justificam o travamento do projeto.

A responsabilidade pela apresentação dos documentos e pela adequação da proposta cabe aos empreendedores responsáveis. À administração municipal, compete dar transparência aos procedimentos, orientar sobre as exigências legais e esclarecer quais condições precisam ser cumpridas para que a iniciativa possa prosseguir. Arquivar um processo por descumprimento de prazos pode ser administrativamente correto, mas não resolve o problema urbano que motivou a proposta do projeto.

Enquanto isso, os comerciantes continuam sem a estrutura prometida para exercer as suas atividades em condições mais adequadas. Campinas também permanece sem uma resposta para a ocupação dos espaços públicos e para a reorganização de áreas centrais que há anos enfrentam problemas de conservação, circulação e abandono. Não se trata de ignorar a importância do comércio de rua, o qual garante renda a muitas famílias, mas de conciliar o direito ao trabalho com o uso ordenado e democrático das vias públicas.

A revitalização do Centro exige mais do que intervenções pontuais e anúncios de grandes empreendimentos. Depende de planejamento integrado, preservação do patrimônio, segurança, manutenção urbana e soluções que considerem quem trabalha, mora e circula pela região.

Campinas precisa saber se o shopping popular é, de fato, viável nas condições propostas, qual será o caminho para sua execução e quais prazos podem ser cumpridos. Se o projeto original não se sustenta, é hora de apresentar alternativas realistas, em vez de alimentar indefinidamente uma promessa.

Cinco anos depois, a cidade não precisa de mais um anúncio. Precisa de respostas, responsabilidades definidas e decisões que saiam do papel. Afinal, revitalizar o Centro não pode continuar sendo uma promessa à espera de um endereço.

Correio da Manhã

FUNDADO EM 15 DE JUNHO DE 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) | Paulo Bittencourt (1929-1963) | Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

www.cm.com.br

Publisher

CLÁUDIO MAGNAVITA

redacao@correiodamanha.com.br

REDAÇÃO

Affonso Nunes (editor #cm 2) Gabriela Gallo, Ive Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

EDITORIA DE ARTE

Coordenação: José Adilson Nunes (projeto gráfico); Diagramação: Anderson Sá, Ricardo Gomes (projeto gráfico) e Thiago Ladeira - Marcos Lima (Gestor de TI)

TELEFONES

(21) 2042 2955 **Whatsapp:** (21) 97948-0452 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

RIO DE JANEIRO

Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520 Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

BRASÍLIA

ST SIBS Quadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes Brasília - DF CEP 71736-202

SÃO PAULO

Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP, - CEP 05001-200 Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13026-510

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal